

UNIDADE 2: ARISTÓTELES E SEUS ANTECESSORES

Objetivos específicos de aprendizagem

- Notar parcialmente o método de Aristóteles e sua função organizadora acerca temas filosóficos;
- Notar a noção aristotélica de explicação a partir da noção de causa;
- Compreender o desenvolvimento do pensamento de Aristóteles a partir dos seus antecessores.
- Notar parte dos passos que levam a um novo tipo de investigação

Ao final desta Unidade você deverá ser capaz de:

- Aprofundar o entendimento sobre uma filosofia;
- Ficar atento à interpretação quando estão em jogo dois ou mais filósofos;
- Aprimorar a redação filosófica.

A busca pelas causas

Em *Met A(I)*, conforme o procedimento referido acima, Aristóteles levanta teses de outros autores que o antecederam; a maioria são aqueles que são conhecidos por pré-socráticos. Outro autor que o antecedeu e que é retomado por ele é seu antigo mestre, Platão.

Aristóteles parte para a investigação dos princípios e causas a que se referiu a partir dos argumentos lançados nos dois capítulos iniciais de *Met A(I)*. Ele indica já ter feito anteriormente uma investigação que o levou à descoberta de quatro tipos de causa e tem a impressão de ter esgotado o modelo das causas, ou seja, não haveria outras causas além das quatro.

Para ter uma melhor dimensão daquilo que é buscado pelo autor, podemos tomar suas próprias palavras na *Física*:

“[...] devemos examinar, sobre causas, quais e quantas são. Dado que o estudo é em vista do conhecer, e dado que não julgamos conhecer cada coisa antes de aprendermos o porquê de cada uma (eis o que é apreender a causa primeira), é evidente que devemos fazer isso também no que concerne a geração e corrupção e toda mudança natural, de tal modo que, conhecendo seus princípios, tentemos reportar a eles cada um dos itens que se investigam.

Assim, de um modo, denominam-se ‘causa’ (1) o item imanente de que algo provém, por exemplo, o bronze da estátua e a prata da taça, bem como os gêneros dessas coisas; de outro modo, denominam-se ‘causa’ (2) a forma e o modelo, e isso é a definição do ‘aquilo que o ser é’ e seus gêneros (por exemplo: da oitava, o ‘dois para um’ e, em geral, a relação numérica), bem como as partes contidas na definição. Além disso, denominam-se ‘causa’ aquilo (3) de onde provém o começo primeiro da mudança ou do repouso, por exemplo, é causa aquele que deliberou, assim como o pai é a causa da criança e, em geral, o produtor é causa do produzido e aquilo que efetua a mudança é causa daquilo que se muda. Além disso, denomina-se ‘causa’ (4) como o fim, ou seja, aquilo em vista de quê, por exemplo, do caminhar, a saúde; de fato, por que caminhar? Dizemos ‘a fim de ter saúde’ e, assim dizemos, julgamos ter dado a causa. Também se denomina ‘causa’,

tudo que – uma outra coisa tendo iniciado o movimento – vem a ser intermediário para o fim, por exemplo, da saúde, o emagrecimento, a purgação, as drogas ou os instrumentos; todos esses itens são em vista do fim, mas diferem entre si porque uns são operações, outros são instrumentos” (*Física I 3*, 194 b23 – 195 a2 – grifo do autor e nosso; numeração nossa).

A parte inicial desse texto lembra o que é dito nos dois primeiros capítulos de *Met A(I)*, acerca do que parece ser o legítimo conhecimento, que se dá a partir da identificação da causa, a qual por sua vez revela o *porquê* de algo. Mas, na *Física*, essa busca pela causa se volta para outro assunto, que concerne a toda *mudança* natural, e não ao fundamento (provavelmente estático) da realidade.

Em seguida, o autor parte para compreender as possíveis noções de causa. Conforme a numeração acrescentada ao texto, as causas podem ser classificadas da seguinte forma:

1. Causa material (ex.: bronze da estátua);
2. Causa formal (ex.: a forma do Deus Apolo na mente de um artesão);
3. Causa eficiente (ex.: artesão);
4. Causa final (ex.: embelezar um templo).

Não nos valem exatamente dos casos utilizados por Aristóteles para facilitar a compreensão acerca das quatro causas. Para esquematizar, podemos imaginar o seguinte caso: um escultor (3) que se disponha a preparar uma estátua do Deus Apolo que ele tem em mente (2); ele precisa de algum material, no caso o bronze (1), sobre o qual começará a trabalhar (3), até que ele imprima a forma do Deus (2) sobre o bronze (1). A finalidade (4) de tal processo de fabricação é colocar a estátua no templo em honra ao próprio Deus Apolo.

Além de ilustrar as quatro causas, isso também mostra a atividade que Aristóteles denomina de *produção*, em que o fim não se encontra desde o início da ação, mas apenas após o final do processo produtivo, como vimos

anteriormente. Nesse tipo de processo, a ação produtora não está presente na coisa produzida, mas é exterior à atividade; por exemplo, o bronze que permitirá que a forma do Deus Apolo lhe seja sobreposta não pode ele próprio agir para que haja tal impressão.

A ideia de quatro causas também pode participar de uma situação natural, por exemplo, a concepção de um animal, em que um animal adulto imprimiria a forma (2) de sua espécie em alguma matéria (1). Para isso é preciso o acasalamento (3); a finalidade do processo é que o embrião também se torne animal adulto (4)¹⁹

Assim, Aristóteles considera de forma geral que uma explicação adequada depende do enquadramento nas quatro causas, se não em todas, ao menos em alguma dentre elas²⁰

Novamente, vale notar que Aristóteles esboçou as quatro causas não em um tratado de metafísica, em que se busca o fundamento do que existe, do verdadeiro, mas a partir do que se observa na natureza, no mundo, ou ainda a partir do movimento que ocorre nas coisas (“*é evidente que devemos fazer isso também [sobre causas] no que concerne a geração e corrupção e toda mudança natural*”). Aristóteles fala de um *porquê*, como visto anteriormente, na *Metafísica*, mas com aplicação distinta. É certo que hoje o tratado *Física* é considerado mais uma obra de metafísica, pois Aristóteles pensava o fundamento do movimento das coisas a partir de uma qualidade interna às mesmas. Buscaremos ainda entender a passagem de um tema aparentemente originado da *física*, em sentido aristotélico, para o campo da *metafísica*.

¹⁹ O que é por natureza se difere do que ocorre por produção e arte pelo fato de acontecer de forma espontânea. O animal adulto surge na matéria a partir do embrião sem que o elemento material precise ser trabalhado por algo externo a ela; apenas a forma tem origem externa (por exemplo, os pais que geram o embrião, causas eficientes), mas seu desenvolvimento é intrínseco à coisa.

²⁰ Não se pode deixar de destacar dois tipos de causa, a material e a formal, que talvez fundamentem as outras. Em outros livros da *Metafísica*, por exemplo Z(VII), elas serão a base de investigação sobre a substância. A forma também pode ser considerada a *essência* de algo. Porém, em situações de explicação mais ampla, como na produção e na física, em que se exhibe o ganho de forma por parte da matéria, as causas eficientes e final mantêm mais claramente o seu papel. Veremos melhor isso na última unidade.

Aristóteles e seus antecessores

Aristóteles volta aos seus antecessores, os Pré-Socráticos e Platão, para confirmar seu pensamento inicial acerca da procura pelas causas e pelos princípios mais fundamentais. De maneira distinta em relação ao procedimento de Aristóteles, outros filósofos já teriam se enveredado em tal busca indicada por ele. Aristóteles parte para uma apresentação básica das teses daqueles que buscaram entender a legítima origem das coisas. Com os primeiros filósofos, a razão já teria tomado a dianteira na busca pelo entendimento das coisas

Os pré-socráticos

Antes de tratar os pré-socráticos pela ótica aristotélica, vale a pena indicar um pouco do que destaca o pensamento dos primeiros filósofos, aqueles que não mais se contentaram exclusivamente com explicações místicas para entender o que se passava no mundo e o que fundamentaria o mesmo.

A denominação “pré-socráticos” normalmente é utilizada para se referir a autores que marcam um período anterior a Sócrates, o filósofo que seria determinante para um novo paradigma. Mas essa partícula “pré-“ pode ser enganadora, pois alguns desses autores foram contemporâneos de Sócrates, por exemplo, Demócrito. É fato que Sócrates teve o pensamento marcado principalmente por reflexões acerca da ética e da moral; isso também não deveria servir de critério para distinguir aqueles autores em relação a este, pois alguns também tiveram preocupação acerca das questões éticas e morais. No entanto, é certo que a grande especificidade daqueles que passaram a ser chamados de pré-socráticos se deve em muito ao estilo de investigação em que eles mais se detiveram, estilo este ligado à *physis*, ou seja, à causa das coisas e do movimento na natureza. Entretanto, em meio a essas reflexões sobre fundamentos das coisas e do movimento, Aristóteles nota que tais autores tocaram indiretamente um dos temas fundamentais da metafísica, que aquele viria desenvolver.

	<p style="text-align: center;">LEITURA OBRIGATÓRIA</p> <p>CHAUI, M., "Os Pré-socráticos". In: <i>Introdução à história da Filosofia, Vol. 1: Dos Pré-socráticos a Aristóteles</i>. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, pp. 53-128.</p> <p>ARISTÓTELES, <i>Metafísica</i>, Livro A (I), capítulos 3-5 (Reale, Vol. II)</p>
---	---

Aqueles que antecederam Aristóteles teriam o mérito de já buscar algo que subsistisse apesar das mudanças de suas afecções. Eles já buscariam um conceito que será fundamental para os estudos metafísicos, apesar da sua difícil definição: a substância (*ousía*) (um dos principais objetos da investigação metafísica de Aristóteles como veremos), mas sob outros moldes.

“Os que primeiro filosofaram, em sua maioria, pensaram que os princípios de todas as coisas fossem exclusivamente materiais. De fato, eles afirmam que aquilo de que todos os seres são constituídos e aquilo de que originalmente derivam e aquilo em que por último se dissolvem é o elemento e princípio dos seres, na medida em que é realidade que permanece idêntica (ousía) mesmo na mudança de suas afecções. Por esta razão eles crêem que nada se gere e nada se destrua, já que tal realidade sempre se conserva. Assim como não dizemos que Sócrates é gerado em sentido absoluto quando se torna belo ou músico, e não dizemos que perece quando perde esses modos de ser, porque o substrato – ou seja, o próprio Sócrates – continua a existir, assim também devemos dizer que não se corrompe, em sentido absoluto, nenhuma das outras coisas. De fato, deve

haver alguma realidade natural (uma só ou mais de uma) da qual derivam as outras coisas, enquanto ela continua a existir sem mudança” (Met A(I) 3, 983 b6-19; sem grifo no original).

Nota-se que os antecessores de Aristóteles já buscavam algo subsistente às mudanças e às afecções, aos acidentes. Isso é ilustrado pelo caso de “Sócrates”, chamado de um sujeito; assim como este sujeito permanece apesar das variações dos seus acidentes, haveria em geral “um algo que permanece” para além das mudanças. Ser “belo” ou “músico” não alteram a natureza ou mesmo o conceito de “Sócrates”²¹, que ainda subsistiria apesar de tais acréscimos à sua noção. Da mesma forma que neste exemplo se mostra algo que permanece apesar das alterações em suas propriedades, busca-se algo ainda mais geral, que subsistiria em cada coisa que há no mundo, apesar das mudanças que ocorrem no mesmo. Deveria haver algo que garantisse a realidade daquilo que existe.

Vale notar, a partir dessa mesma passagem, que Aristóteles observa que a maioria dos seus antecessores tomou como princípio algo de natureza material. Em linguagem aristotélica, eles, ao procurar a substância ou aquilo que subsiste apesar das mudanças, teriam priorizado algo referente à modalidade da causa material. Apesar de boa parte entre eles ter a defendido tal tipo de causa ou prioritariamente esse tipo de causa, mesmo sem ter exata consciência disso, os filósofos que precederam Aristóteles poderiam ter se aproximado daquelas quatro formas de causa.

Se há uma espécie de consenso entre os pré-socráticos acerca da necessidade de ser alcançado um fundamento para a realidade, há controvérsia entre eles acerca da natureza ou definição daquilo que seria o princípio de tudo. Mesmo que a maioria tendesse a buscar algo de cunho material, como os quatro elementos (terra, água, ar, fogo), para fundamentar aquilo que existe e permanece – como “Sócrates” diante de suas afecções –, também não havia consenso sobre o que seria tal fundamento material.

²¹ Ficar atento a este caso de “Sócrates”, tomado como substância, pois indivíduos parecem ser um principais paradigmas de substância segundo o pensamento aristotélico, mas isso não será fácil de ser defendido pelo autor.

Os pré-socráticos e as causas

Não é possível apresentar todos os pré-socráticos, pois isso foge ao escopo deste módulo e mereceria todo um tratamento a parte. Pode-se, no entanto, tomar um dentre eles para ilustrar a forma de pensamento daqueles que seriam os primeiros filósofos para, em seguida, mostrar como é o tratamento que Aristóteles reserve aos mesmos e qual o seu ganho em remontar teses anteriores.

“[...] esses filósofos [Pré-socráticos] não são unânimes quanto ao número e espécie desse princípio [de todas as coisas]. Tales, iniciador desse tipo de filosofia, diz que o princípio é a água (por isso também afirma que a terra flutua sobre a água), certamente tirando esta convicção da constatação de que o alimento de todas as coisas é úmido, e da constatação de que até o calor se gera do úmido e vive do úmido. Ora, aquilo de que todas as coisas se geram é o princípio de tudo. Ele tirou, pois, esta convicção desse fato e também do fato de que as sementes de todas as coisas têm uma natureza úmida, sendo a água o princípio da natureza das coisas úmidas. Há também quem acredite que os mais antigos, que por primeiro discorreram sobre os deuses, muito antes da presente geração, também tiveram essa mesma concepção da realidade natural” (Met A (I) 3, 983 b19-29).

Tales pode servir de guia e de exemplo para mostrar a inovação ocasionada pelos Pré-socráticos. Ele, que teria nascido no séc. VI a. C., é considerado oficialmente o primeiro filósofo. Ele teria sido o primeiro a buscar *racionalmente* um princípio de todas as coisas, algo que se mantivesse invariável apesar das mudanças e das aparências que se percebem no mundo. Destacamos o racionalmente, pois na continuação desse trecho

Aristóteles afirma que a água também fora defendida como princípio por meio de mitos (Oceano, Tétis e Estige). O que distingue a explicação de Tales é o fato de ter sido feita graças a um processo racional ou a argumentos racionalmente sustentados, como se nota nessa passagem, ele conclui que a água deveria ser o princípio ou o elemento primordial.

Outros filósofos dessa época, graças a outros argumentos, concluíram que outros elementos seriam o que haveria de fundamental. Anaxímenes, por exemplo, considerou o ar. Outro, Empédocles, considerou os quatro elementos, terra, água, ar e fogo, que entrariam na composição de tudo o que existe, mas sempre se mantendo como os elementos fundamentais, que jamais se tornariam outra coisa, já que expressariam um limite para qualquer alteração.

Essa maneira de pensar (racionalmente) é sem dúvida o maior mérito de Tales e dos outros pré-socráticos; e isso jamais poderá ser menosprezado. Porém, como nota Aristóteles, tais filósofos não se equivocariam apenas em função de se limitarem a tais elementos (realidade natural) como fonte de explicação para o que existe, mas principalmente por se limitarem a apenas uma modalidade de causalidade, a material.

“Com base nesses raciocínios, poder-se-ia crer que exista uma causa única: a chamada causa material. Mas, enquanto esses pensadores procediam desse modo, a própria realidade lhes atribuiu o caminho e os obrigou a prosseguir na investigação. De fato, mesmo tendo admitido que todo processo de geração e de corrupção derive de um único elemento material, ou de muitos elementos materiais, por que ele ocorre e qual é a sua causa? Certamente não é o substrato que provoca a mudança em si mesmo. vejamos um exemplo: nem a madeira nem o bronze, tomados individualmente, são causa da própria mudança; a madeira não faz a cama nem o bronze faz a estátua, mas é outra a causa da mudança. Ora, investigar isso

significa buscar o outro princípio, isto é, como diríamos nós, o princípio do movimento” (Met A(I) 3, 984 a17-26)

Limitar-se apenas a um elemento, ou ao conjunto dos elementos, ou ainda a algo que se comporte como elemento (o *ápeiron* de Anaximandro ou os átomos de Demócrito-Leucipo) para fundamentar o existente resultaria na dificuldade em se ter uma forma de explicar o movimento ou a maneira como tais elementos poderiam engendrar as coisas no mundo. Além disso, Aristóteles nota que seria inviável deixar o que há de ordenado no mundo à mercê de simples elementos (materiais). Vale indicar que esse autor defende a existência de uma ordenação neste universo, o que permite que haja conhecimento; o mundo ao menos teria partes bem organizadas segundo um *logos*²², que também se identificariam com o ser. Isso significa que há partes que não são bem organizadas, que impedem o entendimento racional, ou que não são boas, ou que não são belas. Deveria haver outra forma de explicação que devesse abarcar esses outros pontos que não seriam resolvidos adequadamente apenas a partir das causas materiais. Aristóteles percebe que alguns dos pré-socráticos já haviam notado isso no desenvolvimento das teses e conceitos levantados pelos autores. Mesmo aquele que parece ter sido o primeiro a pensar em uma Inteligência, talvez um legítimo *logos*, por detrás das coisas, incluía tal ideia em seus pensamentos de forma abrupta, sem maiores explicações em meio à sua tese sobre o elemento primordial, ou seja, não explicava exatamente por que haveria uma alteração dos elementos ou da causa material graças a uma Inteligência.

É certo que, na busca por aquilo que explicasse o movimento na esfera primordial, alguns autores avançaram para além da restrita causa material e se aproximaram daquilo que poderia ser a causa eficiente. Aristóteles reconhece que parte do que ele investiga já fora tocado por seus antecessores, mas de forma imprecisa. Muitos já entrariam no tema das causas, mas ainda sem ter consciência disso e até acertariam, mas quase por um tipo de sorte:

²² Conferir o texto introdutório de Lear (2006), pp. 15-26.

“Parece que esses, como dissemos, alcançaram só duas das ‘quatro’ causas distinguidas nos livros da Física, a saber: a causa material e a causa do movimento, mas de modo confuso e obscuro, tal como se comportam nos combates os que não se exercitam: como estes, agitando-se em todas as direções, lançam belos golpes sem serem guiados pelo conhecimento, também aqueles pensadores não parecem ter verdadeiro conhecimento do que afirmam. De fato, eles quase nunca se servem dos seus princípios” (Metafísica, A(I) 4, 985 a11-17).

Ainda não explicitamente, Aristóteles já parece indicar uma investigação de natureza anterior (o que deverá ficar ainda mais claro) à realizada pelos seus antecessores quando busca entender ou enquadrar em determinado tipo de causa os princípios desenvolvidos por tais autores. O tipo de ciência ou parte da mesma, que hoje denominamos metafísica, é delineia nesse processo crítico. Isso mostra como Aristóteles, dentro de sua reflexão metafísica, realiza uma análise mais ampla para ter maior domínio do assunto, para melhor conduzi-lo e para alcançar a melhor solução. Torna-se visível a tarefa múltipla que Aristóteles costuma realizar em sua diversas modalidades de reflexão, em que ele não apenas procura solucionar o problema inicial tomado, mas também formulá-lo da melhor forma por meio do instrumental teórico adequado.

Conclusão de Aristóteles a partir de apresentação do pensamento dos pré-socráticos

“De modo conciso e sumário, examinamos os filósofos que discorreram sobre os princípios e a verdade, e o modo como o fizeram. Desse exame extraímos as seguintes conclusões: nenhum dos que trataram dos princípios e da causa falou de outras causas além das

que distinguiamos nos livros da Física, mas todos, de certo modo, parecem ter acenado justamente a elas, ainda que de maneira confusa” (Metafísica, A(I) 7, 988 a18-23).

Aristóteles chega à conclusão que de certa forma ele previa, mas que como bom filósofo buscou provar. Ele notou que nenhum dos seus antecessores foi além no que se refere às modalidades de causas que ele indicara na *Física*. Mesmo que tenham se aproximado dessas noções de causalidade, fizeram isso de forma confusa.

Podemos sistematizar as causas desenvolvidas pelos antecessores de Aristóteles da seguinte forma (*Met A(I) 7*):

- **Causa Material** (quer como múltiplo, quer como uno; quer corpóreo, quer incorpóreo): grande-e-pequeno (Platão; confira abaixo), ilimitado (pitagóricos), água (Tales), quatro elementos (Empédocles) etc.

- **Causa Eficiente ou Motora**: Amizade e Discórdia (Empédocles), Inteligência (Anaxágoras), Amor (Hesíodo e Parmênides).

- **Causa Formal**: ninguém teria apresentado com mínima clareza; Platão teria se aproximado de tal causa a partir das Formas (e talvez também os pitagóricos).

- **Causa Final**: aqueles que se referiram a uma causa eficiente podem ter tratado indiretamente de uma Causa Final; por exemplo, aqueles que indicam a Inteligência (Anaxágoras) ou a Amizade (Empédocles).

Nem mesmo Platão e os pitagóricos escaparam dos limites impostos pelas quatro modalidades de causa, pois o *grande-e-pequeno* de Platão e o *ilimitado* dos pitagóricos, apesar de incorpóreos, serviriam de causa material. O tratamento da filosofia platônica a partir de Aristóteles merece algumas observações extras antes de colocarmos as conclusões sobre essa unidade.

	<p style="text-align: center;">LEITURA OBRIGATÓRIA</p> <p>ARISTÓTELES, <i>Metafísica</i>, Livro A (I), capítulos 6-8 e 10 (Reale, Vol. II).</p>
---	--

Aristóteles e Platão

Dentre os interlocutores de Aristóteles, podemos destacar Platão. Antes de apresentar alguns pontos das controvérsias entre o pensamento aristotélico e o platônico, vale explicar que quando Aristóteles expõe as teses de outros autores, ele faz isso a partir de sua visão filosófica, e não a partir do ponto de vista de um estudioso de outros pensamentos que realizasse sua tarefa da forma mais isenta possível. Além disso, ele parece reconhecer que se vale de opiniões, as quais podem não corresponder ao que é fornecido por outras fontes. Mas, em outros pontos, em que ele seria capaz de fornecer melhores explicações, ele não é tão preciso e não explora todas as teses dos autores que se tornam o seu objeto momentâneo de investigação. Ele avança nos pensamentos alheios o quanto considera o suficiente antes de começar a expor suas próprias ideias. Ele também realiza tais exposições provavelmente já de posse de suas próprias teses acerca do tema em questão.

No caso da filosofia de Platão, há um elemento diferente, pois Aristóteles conviveu diretamente com esse autor, o que o torna mais qualificado do que muitos para tratar do pensamento platônico. Uma coisa que chama a atenção para quem lê os capítulos 6 e 9 do livro A(I) da

Metafísica é o fato de Aristóteles mostrar conceitos do pensamento platônico que dificilmente podem ser baseados apenas nos diálogos de Platão, o que, num primeiro momento, leva a crer que ele se refere à doutrina não escrita platônica. Apesar de Aristóteles, em certos momentos, apresentar uma interpretação quase simplista do pensamento de Platão, seria muito improvável que ele desejasse distorcer intencionalmente a filosofia do seu antigo mestre. Logo, a exposição de teses platônicas por parte de Aristóteles também cairiam no caso anterior: a apresentação do pensamento de um filósofo por outro filósofo, não por um estudioso que tenta remontar com a maior fidelidade possível o pensamento de outro autor.

Aristóteles teria preparado uma crítica mais profunda, que veremos mais abaixo, mas também tem uma crítica mais restrita segundo sua investigação, conforme a busca pelas primeiras causas e princípios primeiros. A parte da *Met A(I)* (6 987 b1 - 988 a16) referente a tal crítica é uma das partes mais difíceis do texto, e por isso merece uma apresentação mais direta.

*

Chega, então, a vez de Aristóteles examinar Platão sob a perspectiva da questão das quatro causas. Antes, ele afirma que Platão se aproximara de seus antecessores, mas desenvolvera elementos que lhes são próprios. Dentre tais antecessores, diz o autor, duas correntes se destacariam no pensamento platônico:

- Os pensadores pré-socráticos, por exemplo, os pitagóricos, defensores da prioridade dos números na constituição do mundo, e Heráclito, via Crátilo, defensor do perpétuo fluir das coisas sensíveis, o que impediria a ciência ou conhecimento legítimo acerca de tais objetos. É conhecido o pensamento de Heráclito sobre a impossibilidade de mergulharmos duas vezes no mesmo rio, pois as águas já não serão as mesmas (e nós também não). Crátilo foi mais radical, pois afirmava que não seria possível

mergulhar nem mesmo uma única vez, o que impossibilitaria mesmo nomearmos as coisas; restar-nos-ia apenas o mero apontar para os objetos no mundo.

- Platão teria sido influenciado por Sócrates, que não investigou a natureza, mas questões morais, principalmente sobre a virtude. Em meio a tal estudo, Sócrates teria sido o primeiro a procurar universais e definições adequadas sobre seus temas, principalmente acerca das virtudes (coragem, justiça, temperança, sabedoria). Platão teria ampliado o uso de tal tipo de investigação para outros assuntos, inclusive para o ser, e logo teria dispensado o sensível no que diz respeito àquilo que fundamentaria o mundo; a realidade estaria em outra dimensão, não na dos sensíveis.

A partir de tais influências é que teria surgido a teoria das *Ideias* ou das *Formas*, que foi a solução racional encontrada por Platão para haver legítimo conhecimento, acima da instabilidade do mundo, pois tal teoria permitiu o surgimento de supostos objetos reais que admitiriam que a razão encontrasse *pontos fixos* para o saber.

Para não deixar vazio esse ponto sobre as formas, segundo Platão, a realidade ou a verdade sobre os objetos, sua definição, não se encontraria nos objetos dados pelos sensíveis, mas em formas ou universais que seriam “copiados” pelos objetos ou por aquilo que há neste plano sensível. Uma mesa particular não passaria de uma cópia da *forma mesa*, que seria verdadeira mesa, com todas as suas propriedades essenciais, imperecível, eterna. Em suma, uma forma é a máxima realização de algo que os objetos particulares procuram alcançar ou *participar*. Esse tema é tratado por Platão em diversos diálogos (por exemplo, *República*, *Parmênides*, *Fédon* etc.).

Na continuação de sua narração de teses platônicas, Aristóteles passa a indicar outros pontos que, como foi dito, não estão expressos nas obras de Platão de que dispomos. Segundo Aristóteles, Platão, ao ter desenvolvido o conceito de *participação*, teria se inspirado no conceito pitagórico de *imitação*. Lembrando que para os pitagóricos os números seriam

o fundamento de tudo e, segundo Aristóteles, as coisas no mundo imitariam tais números, os legítimos entes reais. Já Platão considera que as coisas do mundo participariam das formas. O que é importante notar nesta parte do texto (987 b9-13) é aquele aspecto de *leitor-filósofo* de Aristóteles quando ele afirma que: “*De todo modo, tanto uns [pitagóricos] quanto o outro [Platão] descuidaram igualmente de indicar o que significa ‘participação’ e ‘imitação’ das Formas*” (*Metafísica*, A(I) 6, 987 b12-13). Aristóteles se mostra muito severo, principalmente com Platão, e parece querer desqualificá-lo de maneira um tanto quanto simplista. As formas são paradigmas e as coisas tentariam manifestá-las; Platão não teria deixado de pensar em uma maneira de fazer com que elas se expressassem nos sensíveis, apesar de que estes não poderiam ser de fato o real no sentido estrito, uma característica apenas das Ideias. Platão monta toda uma estrutura desde o Demiurgo para que as formas, pertencentes ao Mundo das Ideias, venham ao mundo sensível.

O ponto central, aquele em que você deve mais se deter ao estudar o tratamento aristotélico da filosofia platônica, é a abordagem da teoria das formas à luz da teoria das causas. Segundo Aristóteles, “[...] posto que as Formas são causas das outras coisas, Platão considerou os elementos constitutivos das Formas como elementos de todos os seres” (*Metafísica*, A (I) 6, 987 b18-20). O que se segue a esta passagem também não possui referência clara nos textos platônicos. De qualquer forma, na seqüência desse trecho, Aristóteles diz que há os “elementos” constitutivos das Formas, que são, de certa maneira, compostas: o *Um*, que seria *causa formal*, e o *grande-e-pequeno* (díade²³ ilimitada), que seria *a causa material*.

Acompanhando o argumento do texto, as Formas são *causas das coisas no plano sensível*. O Um e a díade grande-e-pequeno seria *causas das Formas* e, portanto, seriam, num limite, a causa de todas as coisas por intermediação das Formas. As Formas seriam causa formal das coisas unidas à díade grande-e-pequeno, novamente a causa material²⁴.

²³ Algo que resulta a partir de dois elementos, podendo eles se oporem um ao outro.

²⁴ Aristóteles ainda acrescenta uma suposta diferença entre Platão e os pitagóricos, pois estes pensavam que os números estariam nas coisas, não separados das mesmas; eles recusavam números ideias (ou mesmo ideias) e números matemáticos como gênero subsistente e intermediário entre entes ideais e entes sensíveis, como pensava Platão. Haveria para eles apenas um único plano, sensível, ao contrário de

Reale, em suas notas²⁵ monta um esquema que pode auxiliar a entender a estrutura que pode ser montada a partir do comentário ao pensamento platônico. Haveria, assim, duas regiões supra-sensíveis (1 e 2), uma intermediária (3), dos números, e uma sensível ou das coisas (4):

1. Os princípios primeiros do Um e da Díade
2. Entes ideais: - Números ideais (números e grandezas ideais)²⁶
– Formas (Ideias)
3. Entes intermediários, *metaxú* (números e grandezas matemáticas.)²⁷
4. Entes sensíveis.

Segundo Aristóteles e diferentemente do que se costuma entender acerca do pensamento platônico, haveria ainda uma região ou estrutura acima das Formas, pois nota-se que há diversas formas, o *Um* e a *Díade* (grande-e-pequeno). Oferecemos essas explicações para não causar estranheza para quem nunca se deparou com essa outra perspectiva acerca das teses platônicas.

Vale relembrar que, acerca de Platão, Aristóteles tira a mesma conclusão que vale para os pré-socráticos, que até então não se tinha encontrado outro tipo de causa além das quatro desenvolvidas na *Física* e mesmo que eles tivessem se aproximado da exibição de um tipo ou mais tipos de causas que fundamentassem tudo o que existe e todo movimento, eles fizeram isso sem precisão, inclusive Platão. Este teria se aproximado da causa material graças à Díade grande-e-pequeno. O mérito de Platão, como já foi introduzido, poderia ter sido a quase descoberta da causa formal, graças às Formas. Com esse panorama, mostra-se o que é mais importante de ser extraído do difícil capítulo 6 de *Met A(I)*.

Platão, que, conforme Aristóteles, admitiria dois planos supra-sensíveis (confira o esquema de Reale a seguir).

²⁵ REALE, *Aristóteles*, Vol. III, nota 9, p. 52.

²⁶ Não precisamos nos preocupar neste módulo com os entes intermediários, os matemáticos.

²⁷Cf. nota 39.

Aristóteles contra as Formas platônicas

Como foi dito, há a crítica aristotélica voltada à doutrina platônica conforme a busca pelas causas, uma modalidade restrita de tratamento, e há uma mais geral, que se volta para a teoria das Formas. Para ilustrar isso, há uma famosa pintura de Rafael, em que ele retrata diversos filósofos e, ao centro, coloca Platão e Aristóteles. O primeiro apontaria para o céu com seu indicador e o segundo voltaria a palma de sua mão para o solo.



Rafael Sanzio, *A Escola de Atenas*. Museu do Vaticano

Essa imagem se tornou clássica por supostamente expressar o cerne da divergência entre os dois filósofos, pois Platão se voltaria para o mundo das Formas, um plano supra-sensível, que para ele é o plano real e que permite o conhecimento (por isso o apontar para o céu, que serviria para expressar outro mundo, divino, distinto do sensível), ao passo que Aristóteles se voltaria à busca pelo conhecimento nas próprias coisas do mundo ou o ser nas coisas do mundo (por isso a palma da mão voltada para o solo)²⁸. Apesar de ser uma bela obra, o quadro de Rafael mostra de forma um tanto simplista a divergência entre Platão e a Aristóteles, pois, para adiantarmos, este não

²⁸Em sua pintura, Rafael radicaliza essa suposta oposição ao colocar a obra *Ética* na mão de Aristóteles, pois trata-se de um livro voltado para as questões práticas humanas, algo completamente “terreno”.

negou a noção de forma, mas lhe deu outra fisionomia. Aristóteles não negou qualquer tipo de plano supra-sensível (e é muito importante ter isso em mente!), o qual apenas terá outra definição e outro papel²⁹.

Não é possível desenvolvermos todos os pontos de tal divergência, mas podemos nos deter principalmente à crítica de Aristóteles à proposta platônica em defender a realidade das coisas sensíveis a partir de um plano distinto a elas.

Aristóteles não se convenceria que apenas uma realidade supra-sensível fosse a única realidade legítima, ao passo que este mundo seria de “sombras”, em oposição ao mundo das Formas, como se vê na famosa *Alegoria da Caverna de Platão (República, livro VII)*. Grosso modo, segundo Aristóteles, para Platão este mundo não teria fundamento real, ser, ou substância, por si mesmo, e além disso, a partir do plano das Formas, haveria provavelmente uma duplicação da realidade. Platão, para buscar a unidade, o ser e a base de conhecimento das coisas, não teria encontrado no próprio mundo sensível a base para tais características, visto que, por si mesmo, sem qualquer outro apoio, o plano “terreno” estaria fadado à dispersão³⁰; os elementos estabilizadores das coisas no mundo se distinguiriam destas, em outro lugar e com natureza distinta.

Não é fácil para Aristóteles chegar ao ser ligado ao sensível (como ainda veremos); porém, ele está mais disposto a isso do que a aceitar que apenas as Formas de inspiração platônica fossem os legítimos seres. Na passagem a seguir, podemos extrair o tom dessa crítica aristotélica.

“[...] deve-se dizer que só existem substâncias sensíveis ou também outras além delas? E deve-se dizer que só existem um gênero ou que existem diversos gêneros dessas substâncias como pretendem os que afirmam a existência de Formas [...]?”

²⁹ Isso ficaria a cargo da teologia aristotélica investigar.

³⁰ Aubenque (2012), p. 290.

Ora, já explicamos anteriormente em que sentido dizemos que as Formas são causas e substâncias por si. Entre muitos absurdos dessa doutrina, o maior consiste em afirmar, por um lado, que existem outras realidades além das existentes neste mundo e afirmar, por outro lado, que são iguais às sensíveis, com a única diferença que umas são eternas e as outras corruptíveis. Eles afirmam, de fato, que existe um 'homem em si', um 'cavalo em si', uma 'saúde em si', sem acrescentar nada além, comportando-se, aproximadamente, como os que afirmam a existência de deuses, mas que eles têm forma humana" (Met B(III) 2 997 a34-b10).

Grosso modo, Aristóteles critica um suposto tipo de duplicação platônica a partir da teoria das Formas. As supostas Formas seriam causas e substâncias por si, ou seja, elas seriam o princípio daquilo que é real e fundamento de conhecimento ou o ponto fixo daquilo que existe de fato, e do qual as coisas sensíveis participariam. Entretanto, as Formas poderiam não passar de ilusão ou de mera abstração acerca dos objetos sensíveis, com a única diferença que elas seriam atribuído sem melhores explicações o caráter de eterno.

Em *Met. A(1) 9*, há ainda uma longa lista de objeções à teoria platônica, dentre as quais, conforme nossa proposta, podemos destacar uma, quando Aristóteles afirma:

"[Q]ue vantagem trazem as Formas aos seres sensíveis, sejam aos sensíveis eternos, seja aos que estão sujeitos à geração e à corrupção? De fato, com relação a esses (de fato, não constituem a substância das coisas sensíveis, caso contrário seriam imanentes a elas), nem ao ser das coisas sensíveis, enquanto

“não são imanentes às coisas sensíveis que delas participam” (Met. A(I) 9 991 a9-15 – grifo nosso³¹).

Antes de explicar essa passagem, devemos dizer algo sobre a distinção de, por assim dizer, gêneros de ser, segundo Aristóteles, que dentre eles se refere a seres sensíveis e eternos e seres sensíveis sujeitos à geração e à corrupção. Os primeiros seriam os astros (móveis), dotados de uma matéria, mas especial, e de movimento, porém eterno e constante. Os segundos seriam os seres sensíveis, do nosso plano, dotados de matéria, mas móveis, gerados e perecíveis³². Cada modalidade desses seres pertence a uma dimensão distinta e teria tratamento distinto. Os primeiros seriam objetos da teologia, os segundos seriam objetos principalmente da física (mas veremos, a partir de um dos pontos centrais do nosso tema, que estes também serão investigados por Aristóteles em outra perspectiva “científica”)

Para resumir a crítica de fundo nessa passagem de Aristóteles, o filósofo afirma que as Formas não seriam adequadas para sustentar o sensível, pois seriam supostamente eternas e seriam exteriores ao que deveriam explicar, ou melhor, seriam transcendentais. As Formas platônicas referentes aos sensíveis, segundo Aristóteles, não seriam adequadas para explicar a realidade do sensível; elas fariam isso apenas se trouxessem aspectos adequados a eles, como o próprio movimento. Elas não poderiam fazer isso à distância em outro plano, a não ser que fossem imanentes às coisas. Além disso, não seria correto considerar algo de natureza eterna ou mesmo divina, de outro gênero, como legítima causa das coisas do plano sensível, pois isso equivaleria a misturar duas ordens distintas³³. Aristóteles não recusa qualquer tipo de plano divino, supra-sensível, que provavelmente seja definido por formas. Mas, pensa Aristóteles, formas de tal plano não

³¹ Nessa passagem, são invocados os termos substância (*ousía*) e ser como distintos, mas com o desenrolar da *Metafísica* e com o prosseguimento desse módulo, notaremos o encontro desses dois conceitos.

³² Haveria um terceiro, um ser desprovido de matéria, imóvel e eterno, o Primeiro Motor; tema do de *Met. Λ*, e que assim como os astros móveis, seria objeto da teologia aristotélica.

³³ É certo que mesmo a forma de algo sensível não surge ou aparece com o ele ou com o indivíduo, como será visto na última unidade, mas ela de certa maneira contribui para a explicação das mudanças da coisa, a partir do processo de definição da matéria via forma.

serviriam para *causar e explicar* o que se passa neste mundo, pois seriam distintas em relação a ele, não transcendentais, como organizadoras à distância.

Aristóteles começaria, assim, a buscar alternativa para eliminar essa duplicação e para trazer realidade de volta para *este mundo*, para este nosso campo de experiência, nas coisas sensíveis, de maneira conveniente a tal plano. Ele buscaria algo para assegurar a realidade das coisas que percebemos e que deveriam também permitir um conhecimento legítimo.

Em meio à dificuldade de evitar as puras Formas platônicas, mantendo ainda o pensamento acerca das causas e buscando os possíveis princípios primeiros, Aristóteles continua sua jornada no campo que passamos a denominar de metafísico. Ele continua a procurar o fundamento do real que não seja o modelo platônico, apesar de manter parte do preceito platônico de buscar realidade a partir da forma (para as coisas), mas com uma posição distinta em relação ao sensível, que deveria ter uma causa adequada para o mesmo.

Observações

Vimos que há um problema referente à origem da teoria das causas, extraídas a partir de um tratado sobre física. O que devemos considerar é que as modalidades de causa elaboradas por Aristóteles podem extrapolar o objetivo restrito da ciência da natureza, que busca compreender principalmente o movimento natural ou as mudanças que são intrínsecas a algo. As quatro modalidades de causas valeriam também para outros casos, como na produção, a partir da qual um fim é gerado após o desfecho do processo produtivo, sem que o produto tenha sua própria fonte de ação, mas que antes depende de um produtor, por exemplo, um artesão. Assim, num limite, mesmo no caso da metafísica aquilo que é encontrado como princípio (nesse caso o mais geral de todos) também pode ser abarcado por algumas das modalidades de causas.

Devemos ainda acrescentar que o tratamento de outras doutrinas ainda serviu para reforçar ou completar a teoria aristotélica das quatro causas

pelo método de que muitas vezes Aristóteles se vale, o da reunião de diversas opiniões mais reputadas (*endoxa*) para ter teses e conceitos mais seguros.

“Portanto, parece que todos esses filósofos atestam que nós definimos com exatidão o número e a natureza das causas, na medida em que eles não souberam exprimir outras. Ademais, é evidente que se devem estudar todos os princípios nesses <quatro> modos ou de algum desses <quatro> modos” (*Metafísica*, A(I) 7, 988 b17-18).

A teoria das causas auxilia no prosseguimento da filosofia primeira. A busca por uma causa tende a um limite, que explica o porquê de um resultado e antecipa o que decorre a partir de um princípio. A teoria das quatro causas seria um limite para explicações de estilo causal ou daquilo que inicia algo, e a metafísica deve se enquadrar no modelo de explicação causal. Havia aquele processo em que se montou uma gama de saberes, hierarquizados conforme certos critérios, presentes em *Met.* A(I) 1 e 2. Haveria, então, por fim um tipo de ciência que captaria as causas e princípios mais elevados, referentes àquilo que faça com que as coisas sejam.

Aristóteles ainda avançará com suas críticas voltadas não apenas para a insuficiência das teses dos seus antecessores acerca das causas primeiras e da fraqueza dos argumentos de tais autores, mas acerca dos próprios princípios por eles assumidos ou das coisas assumidas por eles como princípios. Essa nova abordagem crítica do autor se estende em *Met* A(I) 8 a 10. Após o que foi exposto até esta unidade, será menos difícil para você realizar a análise por si mesmo.

O que chamamos de metafísica aristotélica, que como vimos é um título criado posteriormente, que parece se referir a uma gama de estudos. Talvez eles possam ser unificados em um estudo maior, como veremos. Já podemos notar, a partir da crítica aristotélica aos seus antecessores, que havia um estudo novo que o espreitava, que seus antecessores não notaram, que não se limitava à disciplina física e que incluía o entendimento do ser em

sentido geral, a começar pelas coisas do mundo. A partir da próxima unidade, veremos como as críticas de Aristóteles aos seus antecessores se articula com aquilo que é exposto nos dois capítulos iniciais de *Met. A(I)* e como tudo isso apontava para uma proposta nova, sobre o próprio ser, que de alguma forma parecia também se instalar neste mundo, não à distância, como veremos.

NESTA UNIDADE VOCÊ VIU	
	<ul style="list-style-type: none">- A metafísica assumida como uma investigação sobre princípios e causas primeiros.- A teoria das quatro causas.- O assentamento aristotélica sobre sua teoria das causas a partir da exposição sobre os seus antecessores, pré-socráticos e Platão.- Crítica aristotélica aos seus antecessores.- Crítica aristotélica às formas platônicas.